

HELHAMAR DE MORAIS PESSOA SILVA



O DESEJO

S - 30763

Tombo nº	7.1.39
Classif:	
Ex:	1
Origem:	d
Data:	17.03.03

HELHAMAR DE MORAIS PESSOA SILVA

O DESEJO

Trabalho apresentado à FACER como requisito parcial a Disciplina Dissertação Filosófica II, para fins avaliativos do professor Paulo Henrique Castanheira Vasconcelos.

AGRADECIMENTOS

Ao término deste curso, agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e que me proporcionou força e coragem para enfrentar com determinação, os desafios desta caminhada.

Aos meus pais: Hélio e Maria Calma que, com testemunho de vida, souberam educar-me e, não medindo esforços, permitiram-me chegar ao grau de estudo e a educação que já tenho.

Ao meu filho que muitas vezes teve que acordar para ir para casa, passando frio, molhando e não tendo carinho de mãe nos afagos para dormir, meu muito obrigada pela compreensão e carinho.

Agradeço também aos meus irmãos, cunhados e sobrinhos por terem me ajudado a crescer, com carinho admirável e a convivência de uma maravilhosa família.

Agradeço aos fundadores da Cooperativa de Ensino Superior de Rubiataba, a iniciativa de trazer para a nossa cidade este benefício, a que honro fazer parte – Ensino Superior.

Agradeço aos professores(as) que me acompanharam em todas as etapas da minha vida, desde as primeiras letras até o término deste curso. Em especial a professora Rosângela..., que muito colaborou para a descoberta da minha verdadeira identidade.

À minha turma de filosofia, que caminhou comigo desde meu primeiro ano até o dia de hoje, e àqueles que por motivos maior tiveram de desistir da caminhada.

Agradeço ainda aos amigos que a vida me deu.

Agradeço ao meu padrinho de batismo, Crisma, que me ajudaram a permanecer firme, dando sempre uma palavra de incentivo.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram diretamente e indiretamente no meu processo formativo, dando-me apoio material e espiritual.

Dedico este trabalho monográfico a todos os meus pais, que de uma forma toda especial me colocaram no caminho quando me encontrava meio perdida. E a todos os meus colegas, os quais eu conheci nessa jornada de quatro anos. Por último, não menos importante, dedico ao Padre Joaquim José Neto que me fez acreditar que sou muito mais, que realmente acredito ser.

O desejo existe em função de uma ação que se manifesta por uma causa, em algum contexto, para alguém.

William James

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
I MOMENTO	03
1. HISTÓRIA E ÉPOCA	04
1.1 Definição.....	07
II MOMENTO	08
2. ÉTICA E MORAL	09
2.1 Desejo de Liberdade.....	15
III MOMENTO	17
3. PAIXÃO É DESEJO – DESEJO É PAIXÃO	18
IV MOMENTO	23
4. A NATUREZA HUMANA.....	24
4.1 Definição de igualdade.....	26
CONCLUSÃO	27
BIBLIOGRAFIA	29

INTRODUÇÃO

A palavra desejo em todos os tempos é dominado por duas antíteses: apetite sensível e apetite racional. Os filósofos que apresentam o tempo quebram a relação entre o desejo e a carência. A tradição liga o desejo àquilo que está ausente à Lei, ao proibido. Com isso a pesquisa engloba várias idéias de um mesmo enunciado.

O propósito desse trabalho é respeitar os pensamentos de vários pensadores, considerando suas obras assim como o faríamos se fossem fenômenos. O trabalho não é polêmico, embora a palavra seja vista de forma a elucidar o exagero, o descontínuo, o desregramento. É claro que os pensamentos não andam alinhados e existem nesse campo – assim como em outros – conflitos e implicações.

Sem resposta única, com suas questões sempre colocadas a partir da tradição, da época, da razão, dos sentimentos os filósofos mostram o sentido do desejo por um programa que se ajusta à sociedade, à política ao homem de uma forma geral – seu comportamento e sua conduta moral e ética.

Apesar de oposições, a finalidade é única – o conhecimento. Pois os caminhos trilhados mostram que cada corrente de pensamento defende sua idéia e a coloca como verdadeira. Porém a verdade não será colocada em questão, uma vez que não há verdade absoluta – tudo pode ser verdade até que se prove o contrário. Sendo assim, não se pode ter certeza de um método, pela validade de seu contexto, mas pelo efeito que faz a um povo.

Não se pretende com essa pesquisa estabelecer regras ou diretrizes, nem que se estabeleça uma grande ou pequena importância pelo assunto medindo-

O desejo
Helhamar de Morais Pessoa Silva

se o número de linhas que lhe é consagrado. Trata-se, sobretudo, de situar a importância do enunciado, na vida e na conduta do ser humano, enquanto ser racional dotado de sentimentos que devem ser medidos e regulados pela ética e pela moral. Trata-se também do direito de liberdade e sua necessidade para o progresso pois já dizia Aristóteles, “todos os homens têm por natureza, o desejo de conhecer”.

Conhecer nesse caso, é considerar pelas evidências que ninguém pode viver sem o desejo, pois o contrário, não seria falar de evidências, mas levantar hipóteses.

Em vez de uma classificação cronológica, o percurso ressaltará particularidades, em assuntos não isolados, porém restritos a seus pensadores e suas considerações.

I - MOMENTO

1. HISTÓRIA E ÉPOCA

Para conhecer um filósofo, um tema (desejo) devemos levar em conta que tudo é filho e fruto de sua época. Conhecendo então, a época em que tudo aconteceu é de grande ajuda para perceber as causas e levar a ter tal repercussão e representação para os fins a que foram atribuídos.

Os filósofos apresentados nessa pesquisa, são de épocas distintas, porém se complementam e se divergem, mas foi a partir do final do século XIX e no decorrer do século XX, que os filósofos começaram a se posicionar contra a moral formalista. Kantiana fundada na razão universal, abstrata, e tentam encontrar o homem concreto da ação moral.

É nesse sentido que podemos compreender o esforço de pensadores tão diferentes como Nietzsche, Marx, Kierkegaard, Freud e os existencialistas. Dentre estes, Nietzsche foi quem deu uma importante contribuição nessa linha de pensamento, pois, esse, se orienta no sentido de recuperar as forças inconscientes, vitais e instintivas subjugadas pela razão durante séculos. Para tanto, critica Sócrates por ter encaminhado pela primeira vez a reflexão moral em direção ao controle racional das paixões. Segundo Nietzsche, nasceu aí o homem desconfiado de seus instintos, e essa destruição culminou com o cristianismo, acelerando o processo de "domesticação" dos desejos do homem.

A moral cristã é a moral do rebanho, geradora de sentimento de culpa e sentimento da renúncia, do altruísmo, da piedade, típicos da moral dos fracos.

Por isso Nietzsche defende a transmutação de todos os valores, superando a moral comum para que os atos do homem forte não sejam pautados

O desejo
Helthamar de Morais Pessoa Silva

pela mediocridade das virtudes estabelecidas. Para tanto é preciso recuperar o sentimento de potência, a alegria de viver, a capacidade de invenção.

A filosofia francesa examina a sociedade, o desejo, as classes, confrontando-se com a história real.¹

Por volta do final dos anos 60, abandonaram-se as versões políticas do filósofo. As discussões sobre a lógica dialética ou a dialética da natureza empalideceram então ao lado de uma lingüística ornada por encantos científicos. E esta disciplina, com efeito, desempenhou um papel central na afirmação do estruturalismo, da psicanálise contemporânea, da etimologia e da semiologia.

Em maio de 1968, generalizado, o discurso político perdeu então seu privilégio. A proclamação do que era científico foi abalada: as ciências política não souberam antecipar esta explosão internacional. Os filósofos aprenderam a desconfiar daqueles que se autoproclamavam especialistas do conceito. Os tribunais “científicos” ou “filósofos”, capazes de definir o justo e o injusto a partir de textos econômicos, surgiram tão tristes quanto inoperantes.

No entanto, esta defasagem é fundamental, 68 só foi pensado mais tarde. Foram necessários alguns anos para que se multiplicassem os discursos sem afetações para que se compreendesse, filosoficamente o desejo e o prazer. 1968 não produziu diretamente filosofias, isto posto, esta explosão fez surgirem deslocamentos decisivos. As diferenças não se situavam mais apenas entre os grupos, mas no seio dos indivíduos. Mas radicalmente ainda, tratava-se de aceitar pensar sem excesso, sem síntese.

Contra o modelo da análise estrutural, os filósofos da singularidade exaltaram então, por volta de 1970, as multiplicidades não-globalizantes. Ao quadro hegeliano – que avaliava a verdade da idéia na medida de sua efetivação na história – se opunha o orgulho das singularidades.

A França viveu uma deriva de implicações. Sem verdade única, examinou-se o próprio desejo de verdade. Pois as conquistas e a festa de 1968 rapidamente se desagregou. A desordem crítica não soubera sedimentar uma outra ordem social. O poder tinha se revelado muito frágil por um tempo e também

¹ TOBBES, Thomas, *Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil*, p. 111

O desejo
Helhamar de Moraes Pessoa Silva

demasiado forte para ser capaz de se reconstituir. Velhos slogans cheios de romantismo revolucionário, barricados completamente simbólicas parecem abrir nossos espaços. Porém, esses espaços tinham se decomposto. E no entanto, ninguém havia traído uma revolução que nem mesmo acontecera. Mais profundamente, a festa tinha se desfeito; esta evidência obrigava a examinar o desejo de retorno a ordem. O poder se mostrara um espaço mais complexo do que o imaginado pelos adeptos da grande recusa, aqueles que sonhavam com uma suspensão geral das proibições.

O desejo era produtor; porém produtor de tudo e de seu contrário. As massas puderam desejar sua libertação, assim como o retorno à ordem. A filosofia francesa efetuou então uma reflexão decisiva sobre o status do intelectual.

Autônomas, porém não independentes, as invenções filosóficas levam em conta objetos mas também implicações. Ordens de integridade, capacidades de produzir efeitos num campo aberto que se serve de análise social, da lingüística, da psicanálise e da estética. Cavando brechas, entregando-se a amplos excessos, provocando deslizamentos de terreno, os filósofos propõem diversos modos de exposição. Assim, o pensamento como o ser, se exerce de múltiplas maneiras.

O pensamento do desejo, marcou um estilo de reflexão contemporânea. A leitura afirmativa de maio de 68, revê a ligação entre o desejo e o político. Sem crise econômica, maio de 68 testemunhou o poder tremer por ser desinvestido. Um mês depois, este mesmo poder voltaria.

Esta crise revela a bipolaridade do desejo. Afirmativo, este último balança os poderes estabelecidos, inventa; domesticado, desliza pelo poder dominante, pela repressão. Não existe um bom desejo e seu contrário. O desejo está em toda a parte, inscrito nas atividades livres ou apressivas.

Às vezes, ele se insere na emancipação; às vezes, é portador, vetor de repressão. Sempre produtivo, encontra-se no coração dos mecanismos econômicos. Seguindo os percursos do desejo, esta análise propõe uma nova leitura do inconsciente e uma teoria da história das sociedades.

1.1 Definição

O desejo parte de um pressuposto de que é uma ação a priori, mas antes de se tornar uma ação, ele é uma idéia bem simples, como todas as grandes idéias. Além disso, ordena as coisas que virtualmente já existiam, fazendo com que tenham acesso a uma realidade, a uma não-indiferença social, sexual, política. Ele também revela o universo e está em toda parte. É com ele, e através dele que o mundo chega ao artista, ao apaixonado, ao político. Amar, fazer uma obra de arte não é obedecer a um modelo ou realizar um sentido da história, é concretizar potencialidades do desejo.

Na descrição do que é o desejo, fica claro, que esse termo não compete somente ao apetite da ação sensível ou racional, mas a todas as ações do corpo em relação a alma, da alma em relação ao corpo; da idéia em relação a vontade, e da natureza do homem em relação à sua própria ação enquanto ser sociável, humano, dotado de racionalidade, sentimentos e condutas éticas e morais.

O desejo surge à medida que o homem estabelece relações com a natureza e com os outros homens, ocasião em que vivencia emoções e sentimentos, isto é, reage afetivamente aos acontecimentos. Qualquer ação humana se explica pelo fato de ser motivada: o homem sente falta, precisa de alguma coisa e deseja alcançá-la. Por isso sai em busca de alimento, de abrigo, de repouso, como também do reconhecimento dos outros, do amor, da beleza e outros.

Nessa busca, tenta evitar a dor, o sofrimento, o desconforto, solidão e a morte.

A razão é importante por fornecer ao homem os meios para compreender a realidade, solucionar problemas, projetar a ação e reavaliar o que foi feito. Mas o impulso, a energia, a vibração vêm do desejo. É este que põe o homem em movimento.

O desejo
Helkama de Moraes Pessoa Silva

II - MOMENTO

2. ÉTICA E MORAL

Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, válidos para todos os seus membros.

Nossos sentimentos, nossas condutas, nossas ações e nossos comportamentos são modelados pelas condições em que vivemos (família, classe e grupo social, escola, religião, trabalho, circunstâncias políticas, etc). Somos formados pelos costumes de nossa sociedade, que nos educa para respeitarmos e reproduzirmos os valores propostos ela como bons e, portanto, como obrigações e deveres. Dessa maneira, valores e deveres parecem existir por si e em si mesmos, parecem ser naturais e intemporais, fatos ou dados com os quais nos relacionamos quando os seguimos, punidos quando os transgredimos.

O sujeito ético ou moral não se submete ao acaso da sorte, à vontade e aos desejos de um outro, à tirania das paixões, mas obedece apenas à sua consciência – que conhece o bem e as virtudes – e à sua vontade racional – que conhece os meios adequados para chegar os fins morais. A busca do desejo do bem e do desejo da felicidade são a essência da vida ética².

Os filósofos antigos (gregos e romanos) consideravam a vida ética transcorrendo como um combate contínuo entre nossos apetites e desejos – as paixões – e nossa razão. Por natureza, somos passionais e a tarefa primeira da ética é a educação de nosso caráter ou de nossa natureza, para seguirmos a orientação da razão. A vontade possuía um lugar fundamental nessa educação; pois era ela

² CHAUI, Marilena, Convite à Filosofia, p. 342

que deveria ser fortalecida para permitir que a razão controlasse e dominasse as paixões.

O passional é aquele que se deixa arrastar por tudo quanto satisfaça imediatamente seus apetites e desejos tornando-se escravo deles. Desconhece a moderação, busca tudo moderadamente, acabando vítima de si mesmo.

A ética, portanto, é concebida como educação do caráter do sujeito moral para dominar racionalmente impulsos, apetites e desejos, para orientar a vontade rumo ao bem e à felicidade, e para formá-lo como membro da coletividade sociopolítica. Sua finalidade era a harmonia entre o caráter do sujeito virtuoso e os valores coletivos, que também deveriam ser virtuosos³.

Para os filósofos antigos a vontade era uma faculdade racional capaz de dominar e controlar a desmesura passional de nossos apetites e desejos, havendo, portanto, uma força interior (a vontade consciente) que nos tornava morais, para o cristianismo, a própria vontade está pervertida pelo pecado e precisamos do auxílio divino para nos tomarmos morais.

A natureza é o reino da necessidade, isto é, de acontecimentos regidos por seqüências necessárias de causa e efeito – é o reino da física, da astronomia, da química, da psicologia. Diferentemente do reino da natureza, há o reino humano da práxis, no qual as ações são realizadas racionalmente não por necessidade causal, mas por finalidade e liberdade.

Segundo Kant, não somos seres morais apenas. Também somos seres naturais, submetidos à causalidade necessária da natureza. Nosso corpo e nossa psique são efeitos de apetites, impulsos, desejos e paixões. Nossos sentimentos, nossas emoções e nossos comportamentos são a parte da natureza em nós, exercendo domínio sobre nós, submetendo-se à causalidade natural inexorável. Quem se submete a eles não pode possuir a autonomia ética⁴.

A natureza nos impele a agir por interesse. Este é a forma natural do egoísmo que nos leva a usar coisas e pessoas como meios e instrumentos para o que desejamos. Além disso, o interesse nos faz viver na ilusão de que somos livres

³ CHAUI, Marilena, op. cit., p. 342

⁴ CHAUI, Marilena, op. cit., p. 345

O desejo
Helhamar de Moraes Pascoa Silva

e racionais por realizarmos ações que julgamos terem sido decididas livremente por nós, quando, na verdade, são um impulso cego determinado pela causalidade natural. Agir por interesse é agir determinado por motivações físicas, psíquicas, vitais, à maneira dos animais.

Visto que apetites, impulsos, desejos, tendências, comportamentos naturais costumam ser muito mais fortes do que a razão, a razão prática e a verdadeira liberdade precisam dobrar nossa parte natural e impor-nos nosso ser moral. Para sermos livres, precisarmos ser obrigados pelo dever de sermos livres.

Para Espinosa, por natureza, vivemos rodeados por outros seres, mais fortes do que nós, que agem sobre nós. Por isso, as paixões não são boas nem más, são naturais. Três são as paixões originais: alegria, tristeza e desejo. As demais derivam-se destas. Assim, da alegria nascem o amor, a devoção, a esperança, a segurança, o contentamento, a misericórdia, a glória; da tristeza surgem o ódio, a inveja, o orgulho, o arrependimento, a modéstia, o medo, o desespero, o pudor; do desejo provém a gratidão, a cólera, a crueldade, a ambição, o temor, a ousadia, a luxúria, a avareza. Uma paixão do desejo pode nos trazer paixões tristes (como a crueldade, a ambição, a avareza) ou alegres (como a gratidão e a ousadia)⁵.

As paixões e desejos tristes nos enfraquecem e nos tornam cada vez mais passivos. As paixões e desejos alegres nos fortalecem e nos preparam para passar da passividade à atividade.

Sucumbimos ao vício, segundo Espinosa, porque deixamos-nos dominar pelas paixões tristes e pelas desejanter nascidas da tristeza. O vício não é um mal, é fraqueza para existir agir e pensar.

Passamos da paixão à ação ou virtude, transformando as paixões alegres e as desejanter nascida da alegria em atividades de que somos a causa.

Nas duas correntes de pensamento (Espinosa e Kant) porém, há concordância quanto a idéia de que, por natureza, somos seres passionais, cheios de apetites, impulsos e desejos cegos, desenfreados e desmedidos, cabendo a razão (seja como inteligência no intelectualismo; seja como vontade, no voluntarismo) estabelecer limites e controles para paixões e desejos.

⁵ CHAUI, Marilena, op. cit., p. 349

O desejo
Helhamar de Morais Pessoa Silva

Para os seres humanos, satisfazer às necessidades é fonte de satisfação. O desejo parte da satisfação de necessidades, mas acrescenta a elas o sentimento de prazer, dando às coisas, às pessoas e às situações novas qualidades e sentidos. No desejo, nossa imaginação busca o prazer e foge da dor pelo significado atribuído ao que é desejado ou indesejado.

A maneira como imaginamos a satisfação, o prazer, o contentamento que alguma coisa ou alguém nos dão transforma esta coisa ou este alguém em objeto de desejo e o procuramos sempre, mesmo quando não conseguimos possuí-lo ou alcançá-lo. O desejo é, pois, a busca da fruição daquilo que é desejado, porque o objeto do desejo dá sentido à nossa vida, determina nossos sentimentos e nossas ações. Se, como os animais, temos necessidades, somente como humanos temos desejo. Por isso, muitos filósofos afirmam que a essência dos seres humanos é desejar e que somos seres desejanter: não apenas desejamos, mas sobretudo desejamos ser desejados por outros.

A vontade difere o desejo por possuir características que este não possui como:

O desejo é paixão. A vontade, decisão. O desejo nasce da imaginação. A vontade se articula à reflexão. O desejo não suporta o tempo, ou seja, desejar é querer a satisfação imediata e o prazer imediato. A vontade, ao contrário, realiza-se no tempo; o esforço e a ponderação trabalham com a relação entre meios e fins aceitam a demora da satisfação. Mas é o desejo que oferece à vontade os motivos interiores e os fins exteriores da ação. A vontade cabe a educação moral do desejo. Na concepção intelectualista, a inteligência orienta a vontade para que esta eduque o desejo. Na concepção voluntarista, a vontade boa tem o poder de educar o desejo, enquanto a vontade má submete-se a ele e pode, em muitos casos, pervertê-lo.

Consciência, desejo e vontade formam o campo da vida ética: consciência e desejo referem-se às nossas ações e finalidades. As primeiras dizem respeito à qualidade da atitude interior ou dos sentimentos internos ao sujeito moral, as últimas, à qualidade da atitude externa, das condutas e dos comportamentos do sujeito moral.

O desejo
Helhamar de Moraes Pessoa Silva

O racionalismo ético não é a única concepção filosófica da moral. Uma outra concepção filosófica é conhecida como emotivismo ético⁶.

Para o emotivismo ético, o fundamental da vida moral não é a razão, mas a emoção.

Há ainda uma outra concepção ética, francamente contrária à racionalista (e, por isso, muitas vezes chamada de irracionalista), que contesta à razão o poder e o direito de intervir sobre o desejo e as paixões, identificando a liberdade com a plena manifestação do desejante e do passional. Essa concepção encontra-se em Nietzsche e vários filósofos contemporâneos.

Tendo como referência a obra nietzscheana: *A genealogia da moral*; alguns pontos sob a concepção filosófica e suas variantes acerca da moral.

- paixões, desejos e vontades referem-se à vida e à expansão de nossa força vital, portanto, não se referem, espontaneamente, ao bem e ao mal, pois estes são uma invenção da moral racionalista;

- ao moral racionalista foi inventada pelos fracos para controlar e dominar os fortes, cujos desejos, paixões e vontade afirmam a vida, mesmo na crueldade e na agressividade. Por medo da força vital dos fortes, os fracos condenaram paixões e desejos, submeteram a vontade à razão, inventaram o dever e impuseram castigos para os transgressores;

- a moral dos ressentidos, baseada no medo e no ódio à vida (às paixões, aos desejos, à vontade forte), inventa uma outra vida, futura, eterna, incorpórea, que será dada como recompensa aos que sacrificarem seus impulsos vitais e aceitarem os valores dos fracos;

- é preciso manter os fortes, dizendo-lhes que o bem é tudo o que fortalece o desejo da vida e é mal tudo o que é contrário a esse desejo.

Para esses filósofos, que podemos chamar de anti-racionalistas, a moral racionalista ou dos fracos e ressentidos que temem a vida, o corpo, o desejo e as paixões é a moral dos escravos, dos que renunciam à verdadeira liberdade ética.

⁶ CHAUI, Marilena, *op. cit.*, p. 342

O desejo
Helhamar de Morais Passoa Silva

Muitos dos chamados irracionistas contemporâneos baseiam-se na psicanálise e na teoria freudiana da repressão do desejo (fundamentalmente, do desejo sexual). Propõem uma ética que libere o desejo da repressão causadora de psicoses, neuroses, angústias e desesperos. O aspecto curioso está no fato de que Freud considerava extremamente perigoso liberar o id, as pulsões e o desejo, porque a psicanálise havia descoberto uma ligação profunda entre o desejo de prazer e o desejo de morte, a violência incontável do desejo, se não for orientado e controlado pelos valores éticos propostos pela razão e por uma sociedade racional.

A ética, na psicanálise em específico, mostrou que uma das fontes dos sofrimentos psíquicos, causa de doenças e de perturbações mentais e físicas, é o rigor excessivo do superego, ou seja, de uma moralidade rígida, que produz um ideal do ego (valores e fins éticos) irrealizável, torturando psiquicamente aqueles que não conseguem alcançá-lo, por terem sido educados na crença de que esse ideal seria realizável.

Quando uma sociedade reprime os desejos inconscientes de tal modo que não possam encontrar meios imaginários e simbólicos de expressão, cria-se assim, uma coletividade neurótica que confunde neurose e moralidade.

O que a psicanálise propõe é uma nova moral que harmonize; tanto quanto for possível; os desejos inconscientes, as formas de satisfazê-los e a vida social. Somos eticamente livres e responsáveis não porque possamos fazer tudo quanto queiramos, nem por que queiramos tudo quanto possamos fazer, mas porque aprendemos a discriminar as fronteiras entre o permitido e o proibido, tendo como critério ideal a ausência da violência interna e externa.

O desejo é uma experiência fundamentalmente humana que se encontra no centro de todo impulso de vida. Fazer acontecer nossos desejos nada mais é do que dar prioridade a certos valores, ou seja, escolher o que é melhor, priorizar algumas escolhas, que do ponto de vista moral, ético, não são prejudiciais para se atingir os fins propostos.

A consequência de qualquer desejo requer dar valorização ao desejado e, é sem dúvida, dar regras para a ação prática. Assim, se o ar é um valor para a

vida, (que o deseja e necessita), é preciso evitar que a poluição atmosférica prejudique a qualidade desse bem indispensável.

O desejo está dentre os mais diversos valores possíveis, os valores morais, ainda perpetuam nas regras de conduta a que cada ser humano dotado de desejo e ao mesmo tempo, ser de desejos, deve seguir.

Os valores dados aos desejos não são coisas, pois resultam da experiência vivida pelo homem ao se relacionar com o mundo e concluir que tais experiências variam conforme o povo e a época.

A construção da consciência moral se realiza a partir da aprendizagem da convivência entre os homens, é preciso admitir que o ato moral é um ato de vontade. Como tal, distingue-se do desejo, já que este é involuntário, surge com maior ou menor força e traz a exigência de realização. No entanto, é impossível atender a todos os desejos por serem inúmeros e antagônicos, e também porque a vida em comum seria inviável. A moral surge pois do controle do desejo. Evidentemente, não se trata da repressão do desejo, pois o que se busca não é a sua anulação, mas a consciência clara do indivíduo que escolhe e decide o que deve ser feito em determinada situação.

2.1 Desejo de Liberdade

Quando nos referimos à liberdade de maneira geral, é preciso admitir que são vários os enfoques pelos quais podemos compreendê-la. Se ninguém é solitário, pois convive na comunidade dos homens, a liberdade é um desafio que permeia todos os campos da atividade humana.

Assim, podemos falar em liberdade ética quando nos referimos ao sujeito moral, capaz de decidir com autonomia a respeito de como deve se conduzir em relação a si mesmo e aos outros. Kant dizia que a liberdade consiste na obediência às leis que o próprio sujeito moral se impõe.

O desejo
Helthamar de Moraes Pessoa Silva

No entanto, ser autônomo dos seus próprios desejos, é um desafio que muitas pessoas não conseguem suportar. Os riscos de enganos, do que se deseja, a intranqüilidade, a angústia da decisão e a responsabilidade que o ato livre acarreta fazem com que a liberdade seja considerada antes um pesado encargo do que privilégio. Por isso se acomodarem na segurança das verdades dadas.

Dostoiérski escreveu "Se Deus não existisse, tudo seria permitido". Aí se situa o ponto de partida do existencialismo. Com efeito, tudo é permitido se Deus não existe, fica o homem, por conseguinte, abandonado, já que não encontra em si, nem fora de si, uma possibilidade a que se apegue. Antes de mais nada, não há desculpas para ele. se, com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade, é desejo. Se por outro lado, Deus não existe, não encontramos diante de nós valores ou imposições que nos legitimem o comportamento. Assim, não temos nem atrás de nós, nem diante de nós, no domínio luminoso dos valores, justificações ou desculpas. Estamos sós sem desculpas. É o que traduzirei dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado porque não se criou a si próprio, e, no entanto, livre porque, uma vez lançado ao mundo, é responsável por tudo quanto fizer. O existencialista não crê na força da paixão. Não pensará nunca que uma bela paixão é uma torrente devastadora que conduz fatalmente o homem a certos atos e que, por conseguinte, tal paixão. O existencialista não pensará também que o homem pode encontrar auxílio num sinal dado sobre a terra, e que o há de orientar, porque pensa que o homem, sem qualquer apoio e sem qualquer auxílio, está condenado a cada instante a inventar o homem. disse Ponge num belo artigo: "O homem é o futuro do homem". é perfeitamente exato. Somente, se se entende por isso que tal futuro está escrito no céu, que Deus o vê, nesse caso é um erro, até porque nem isso seria um futuro. Mas se se entender o por isso que, seja qual for o homem, tem um futuro virgem que o espera, então essa frase está certa.

II - MOMENTO

3. PAIXÃO É DESEJO – DESEJO É PAIXÃO

Enquanto os atos da razão são resultado da vontade, os sentimentos e emoções afetam os homens independentemente de seu consentimento. Quando afetados, não podemos evitar a resposta, seja ela de prazer, dor ou cólera. É nesse sentido que podemos entender o conceito de paixão a partir de sua etimologia: paixão vem de *pathos*, que em grego tem a mesma raiz de sofrer, suportar, deixar-se levar por.

Existe uma longa tradição que identifica a paixão aos afetos fortes e incontroláveis, aos desejos. Além disso, a paixão é com frequência associada apenas ao amor; principalmente ao amor intenso, fulminante e “perturbador da alma” que impede o homem de perceber os acontecimentos com clareza. Trata-se de uma concepção negativa, pois os que pensam dessa forma consideram a paixão uma espécie de fraqueza humana, e portanto perigosa, já que o homem por ela “arrebataado” perde controle de si.

Vamos aqui considerar a paixão como qualquer afeto, seja fraco ou forte.

E mais:

- a paixão amorosa não é a única existente; pode-se falar também em paixões em relação ao ódio, medo, inveja, glória; isto é, existem tantas paixões quantos são os afetos e os desejos humanos, que na verdade são o que impulsionam, os seres racionais.

- a paixão não é distúrbio ou doença, mas faz parte da realidade humana.

O desejo
Helhamar de Moraes Pessoa Silva

- não há por que se envergonhar das paixões: elas surgem independentemente de nossa vontade, isto é, não podemos ter ou não ter paixões; por isso, a paixão não é alguma coisa a ser evitada ou negada, pois está em nós, assim como estamos para o ar que respiramos. Sem o ar não vivemos, sem as paixões somos apáticos ao movimento da vida, pois a ausência de sentimento é o mesmo que ter ausência das ações e reações humanas.

O homem não pode viver todas as paixões tal como elas se impõem. Se isso ocorresse, a vida em comum se tornaria impossível e o próprio indivíduo enfrentaria impulsos contraditórios e inconciliáveis. Além do que, não se poderia contar com a possibilidade de existência de uma vida propriamente moral.

Se “nada se faz sem o desejo – paixão”, também é verdade que razão e paixão são inseparáveis. Mas a relação que se estabelece entre esses dois pólos varia de acordo com as diversas correntes filosóficas.

Para Platão, o homem é constituído de três almas, uma pela qual compreendemos (racional), outra pela qual “desejamos os prazeres da comida, da reprodução e todos os outros da mesma família (concupiscível). O homem sábio é aquele que fortalece a razão, alma superior, e não se deixa arrastar pela força das paixões.

Para Espinosa, as boas paixões permitem o desenvolvimento humano, facilitam o encontro das pessoas e proporcionam a alegria. As más paixões impedem o crescimento, corrompem as relações e orientam para as formas de exploração e destruição.

Em resumo, a boa paixão é voltada para a vida, enquanto a má paixão se volta para a morte.

Entre as espécies de afecções, que devem ser muito numerosas, as mais notáveis são a luxúria, a embriaguez, a lubricidade, a avareza e a ambição, as quais não são senão designações de amor ou de desejo, que explicam a natureza de cada uma destas afecções pelos objetos a que se referem. Com efeito, por luxúria, embriaguez, lubricidade, avareza e ambição não entendemos senão um amor ou um desejo imoderado de comida, de bebida, de relações sexuais, de riqueza e de glória. Além disso, estas afecções, enquanto as distinguimos das outras apenas pelo objeto a que se referem, não têm contrários. Na verdade, a

O desejo
Helthamar de Moraes Pessoa Silva

temperança, a sobriedade e a castidade, que costumamos opor à luxúria, à embriaguez e à lubricidade, não são afecções ou paixões, mas indicam a capacidade da alma que modera essas afecções.

O desejo é a própria essência do homem, enquanto esta é concebida como determinada a fazer algo por uma afecção qualquer nela verificada.

A vingança é o desejo que nos impede a fazer mal, por um ódio recíproco, àquele que, afetado por uma afecção semelhante para conosco, causou um dano.

Em qualquer idade, o amor, a paixão entre duas pessoas é algo maravilhoso, mas quanto mais conhecermos a estrutura desses sentimentos e das emoções que lhes são relacionadas, melhor poderemos vivê-las, tanto na adolescência quanto em outros momentos da vida. Portanto, escolhendo uma das paixões de desejo “alegres”, enfocaremos somente a paixão amorosa.

A paixão, segundo Alberoni, é uma fulguração que transforma toda a nossa vida. É o advento do extraordinário que nos retira da tranquilidade da vida cotidiana, na qual os laços afetivos se encontram já consolidados, e nos ativa num rodameiro que transfigura a qualidade da vida e da experiência, levando-nos a alterar radical e profundamente nossas relações com os outros e nossa postura frente ao mundo.

A paixão, ainda de acordo com a terminologia de Alberoni, é um “estado nascente” que pode levar uma pessoa a descobrir outra ou descobrir ideais coletivos que a façam ligar-se a um grupo ou movimento. Assim, a paixão é um impulso de desejo vital que nos leva a explorar todos os possíveis da nossa vida, que nos faz descobrir emoções intensas e ativar nossa imaginação, tornando-nos mais criativos e contribuindo para que assumamos riscos.

A paixão é, ainda, exclusivista. Seu objeto de desejo é um só e não pode ser substituído. A paixão exige total dedicação. No entanto, pode ser unilateral, isto é, pode não ser correspondida.

A paixão é também um desejo de tempo e espaço místicos. É alimentada a paixão pela tensão criada pela diferença que se deseja igualdade. Desejamos a diferença do outro porque é ela que nos atrai, por abrir novos horizontes de vida. Ao mesmo tempo, porém, tentamos limitar essa diferença, para

O desejo
Helhamar de Morais Pessoa Silva

nos sentirmos seguros. O ser amado é sempre força vital livre, imprevisível e polimorfo.

O amor é um sentimento de tranqüilidade, de ternura, de reconhecimento das boas qualidades do outro e de aceitação de seus defeitos. Dura mais que a paixão porque se encaixa e se desenvolve fora das situações extraordinárias, dentro dos limites da vida cotidiana.

A passagem da paixão para o amor é feita através de provas, algumas cruciais, às quais nos submetemos e submetemos o outro. Se as provas forem superadas, a paixão vai se revestindo de certeza e o amor passa a preencher os espaços da vida cotidiana, durante a qual nos preocupamos com o outro, assumimos certas tarefas para o seu bem-estar, dedicamo-nos à realização de projetos comuns.

Para Descartes a Paixão do desejo provém da ligação entre a nossa alma e o nosso corpo, que quando se unem uma vez qualquer a ação corporal se relacionam com as outras quatro paixões enumeradas – amor, tristeza, alegria, ódio.

O desejo se explica no homem na medida em que a paixão se relaciona ao corpo.

A explicação do mecanismo de relação geral da paixão do desejo, pode ser, pois, completada por uma psicologia individual e histórica.

Segundo Descartes, todos os primeiros desejos que a alma pode ter nutrido, quando recém-juntada ao corpo, consistiram em receber as coisas que lhe são convenientes e repetir as que lhe são nocivas, e foi para estes mesmos efeitos que os espíritos começaram desde então a mover todos os músculos e todos os órgãos dos sentidos em todas as formas que eles podem movê-los; esta é a causa de que agora, quando a alma deseja alguma coisa, todo o corpo se torna mais frágil e mais disposto a mover-se do que costuma ser sem isso. E quando acontece, além do mais, estar o corpo assim disposto – isso torna os desejos da alma mais fortes e mais ardentes.

A paixão do amor unido ao desejo de uma coisa cuja aquisição não se imagina possível no momento presente, causa languidez que é justamente a disposição para relaxar e ficar sem movimento, que é sentida em todos os membros.

O desejo
Helhamar de Morais Pessoa Silva

Em suma, Descartes afirma que as cinco paixões – o amor, ódio, desejo, alegria e tristeza: se dão pelos movimentos corporais, todas relacionam ao corpo e são dadas à alma na medida em que a alma a consentir e a contribuir nas ações que podem servir para conservar o corpo ou para torná-lo de alguma forma mais perfeito.

A paixão do desejo, assim como todas as outras, são muito úteis, com relação ao corpo, e mesmo que umas sejam mais necessárias que outras. O desejo é a paixão que faz com que os outros aconteçam ou se desfaçam. Entretanto, o desejo é uma paixão que pode fugir ao controle de quem a possui, pois incita a procura do ardor, conveniente o não, por isso, a precipitação é o maior erro. Agir com razão e pela razão é distinguir o justo valor do que se deseja, a fim de não se entregar a nada com excesso.

Por fim, Descartes considera a paixão do desejo engendrada pelo sentimento de prazer ou seja, pela sensação e não pelo conhecimento. Porque quando o desejo procede de um verdadeiro conhecimento, não pode ser mau, desde que não seja excessivo e esse conhecimento o regule.

Toda ação é nociva quando é violenta e ao contrário, pode ser útil e favorável quando moderada, assim é o desejo que intermedia as paixões, regulando-as, pois quando há prudência, e a ação da razão do conhecimento, pressupõe-se a moderação e por conseguinte o resultado com bons exatos de acertos da ação do desejo no comportamento do ser humano.

IV - MOMENTO

4. A NATUREZA HUMANA

Na descrição do estado de natureza do capítulo XIII da *Leviatã*, Hobbes inicia dizendo que todos os homens são naturalmente iguais: mesmo que existam homens fisicamente mais fortes que outros; os fisicamente mais fracos, lançando mão das astúcia, podem matá-los. A partir dessa igualdade natural cada homem encontra como limite e obstáculo, ao seu direito natural a tudo, o direito natural e o poder de cada um. Uma vez que existe no ser humano um perpétuo e incessante desejo de poder, cessando só com a morte, cada homem, dado à igualdade, alimenta a esperança ou os anseios de realizar seus desejos, usando de todos os meios, inclusive recorrendo à violência (elaborando constantemente formas de destruição do próximo), estabelece-se um constante temor e perigo de morte em que a vida do indivíduo se torna solitária, sórdida, embrutecida e curta. Como no estado de natureza não existe um poder comum, que determine o que é justo e injusto, o que é meu e teu; cada homem possui apenas aquilo que pode apoderar-se e, somente durante o tempo que tiver força e astúcia para conservá-lo.

Em suma, esse terrível quadro ou essa miserável condição da vida humana, no estado natural, se explica pelo seguinte: o desejo de poder, numa situação onde todos são iguais na capacidade de se prejudicarem, na qual os bens são insuficientes para satisfazer as necessidades e desejos de cada um; e onde cada indivíduo tem o direito natural a tudo, gera um estado permanente de guerra. O estado natural, portanto, se caracteriza por uma situação de guerra de todos contra todos, onde o homem é o lobo do próprio homem.

A situação é agravada pelo fato de que os seres que a natureza colocou em tais condições são dominados por paixões, que os predispõem mais

O desejo
Helhamar de Moraes Pessoa Silva

para a insociabilidade do que para a sociabilidade. Na verdade o que impulsiona o homem contra o homem, é o desejo inesgotável de poder. E uma vez identificado esse desejo inesgotável de poder, que cessa somente com a morte, não haveria mais necessidade de outro argumento para demonstrar a miserável condição da vida humana no estado de natureza.

Para Hobbes, a guerra é uma causa da disputa de poder que cada um quer ter mais que o outro. É quando o indivíduo passa a ter noção “entre o meu e o teu” e este possa a desejar que tudo seja só seu.

Assim, o homem no Estado de Natureza tinha uma vida incerta. E a vida do homem é solitária, pobre, sórdida, embrutecida e curta”, então na sua visão o Estado de Natureza só leva o homem a uma espécie de competição. Vem daí uma espécie de paixão, que nasce do desejo ou de algo dentro de si mesmo.

Semelhança entre os pensamentos e paixões dos diferentes homens, quem quer que olhe para dentro de si mesmo, e examine o que faz quando pensa, opina, raciocina, espera, receia, etc., e por que motivo o faz, poderá por esse meio ler e conhecer quais são os pensamentos e paixões de todos os outros homens, em circunstâncias idênticas. Prefiro-me à semelhança das paixões, que são as mesmas em todos os homens, desejo, medo, esperança, etc. E não à semelhança aos objetos das paixões, que são as coisas desejadas, temidas, esperadas, etc.⁷

Hobbes explica o movimento que consiste no prazer e no desprazer, como o impulso para que o homem se aproxime do que lhe agrada ou para que se afaste do que lhe desagrade. Esse desejo universal de autopreservação, é estabelecido por ele como um direito natural. E é este estado natural que faz do homem um lobo do próprio homem. Vivendo numa verdadeira guerra de todos contra todos.

Para sair do estado de natureza, vem em socorro do homem a razão sob a forma de regras prudenciais, juntamente com algumas de suas paixões que o inclinam à paz, a saber: o medo da morte e o desejo das coisas necessárias a uma vida agradável.

Em suma, a razão prescreve o homem buscar a paz, mas para obtê-la

⁷ BOBBIO, Noberto, Thomas Hobbes, p. 34

é preciso que as regras que prevêm as várias ações orientadas para esse fim, sejam observadas por todos. O que não acontece no estado de natureza por razão fundamental: se alguém viola uma dessas regras, não há ninguém bastante forte para obrigá-lo a observá-la. Hobbes explica que “as leis naturais obrigam in foro interno, quer dizer, impõem o desejo de que sejam cumpridas: Mas in foro externo, isto é, impondo um desejo de pô-los em prática, nem sempre obrigam”.

4.1 Definição de igualdade

Na definição da Igualdade não se permite supor a priori o que os homens desejam e como agirão, não é possível estabelecer que um indivíduo conseguirá alcançar seu objetivo de submeter e subjugar o outro. Diante da incerteza, o mais viável para cada um é atacar o outro, ou para vencê-lo, ou simplesmente para evitar um ataque futuro.

Assim, o homem dotado de uma igualdade natural, ao desejar realizar seu objetivo – para sua sobrevivência ou mesmo deleite –, vê-se na contingência de atacar o outro, de estabelecer um conflito constante com os demais e transformá-los em inimigos a serem subjugados e destruídos. Segundo Hobbes, os indivíduos entram em sociedade só quando a preservação da vida está ameaçada. Estes homens não vivem em cooperação natural, como as abelha ou as formigas. O acordo entre elas é natural: entre os homens, só pode ser artificial.

Algumas das paixões dos homens o inclinam para a paz: o medo da morte violenta, o desejo das coisas necessárias a uma vida agradável e a esperança de obtê-las por seu próprio esforço. Por sua vez, a razão lhe sugere a convivência de uma vida pacífica. É por isso que surge o Estado, como uma criação do homem para sua própria defesa de proteção.

Há uma transição do homem do estado natural para o estado social, sendo que esta não é natural. É como um pacto, onde o homem é introduzido numa ordem moral, onde é preciso que cada um não faça aos outros o que não gostaria que fizessem a si.

CONCLUSÃO

O homem é um ser social em constante relacionamento. Assim ele se transforma, evolui e adapta-se às mudanças que lhe são apresentadas constantemente, pois o homem deseja se perpetuar. Dessa forma pode-se constatar que o desejo é o impulso que o leva a ter essa força.

Po sermos portadores de natureza racional e emocional, temos a capacidade de transformar e sermos transformados. E esse sentido é de vital importância que toda a raça humana se conscientize do valor do equilíbrio do universo para o pleno bem-estar de todos os seres vivos.

E a partir de tudo o que foi evidenciado ao longo deste trabalho se constata que todos os pensadores contribuíram para única causa, a formação de um ser humano mais consciente de sua força e de suas potencialidades.

O tema no seu percurso, teve história, foi conceituado, regulado na sua conduta ética e moral quis liberdade e se concentrou na natureza humana nas ações políticas, sociais, econômicas e sentimentos. Com tudo isso o caminho que se quis trilhar foi o da motivação que é uma força que se encontra no coração de cada pessoa e está ligada a um desejo profundo. Uma pessoa jamais pode motivar outra simplesmente oferecendo-lhe recompensa materiais (dinheiro, diplomas, medalha, viagens, etc.). Isso seria apenas um estímulo. A probabilidade de alguém seguir uma orientação de ação desejável está diretamente ligada à força de desejo do coração, cuja chamada é acesa com muita empatia e sensibilidade na arte do relacionamento humano.

O desejo
Helhamar de Morais Pessoa Silva

O caminho das conquista se faz, quando as pessoas agem impulsionadas por suas próprias forças. Corresponde ao impulso designado de desejo. Não é preciso de muitas reflexão para perceber que as razões motivacionais de determinadas pessoas podem ser bastante complexas e, com freqüência, conflitantes. Mas todas as pessoas encontram o seu equilíbrio quando conhecem as forças que o regem. Por isso, pode se concluir que o trabalho foi de grande importância e esclarecimento, tendo em vista que acatou um pluralidade de pensamentos.

*Não sou o único, nem são poucos os que
desejam a felicidade. Todos absolutamente todos,
desejam ser felizes.*

Santo Agostinho

Sendo assim, que o que foi exposto, possa tanto para os demais, quanto foi para mim ter sido de grande ajuda para a consciência de que a felicidade é um bem desejado, e pode ser alcançado e desejamos a coisas certas de forma correta, na dosagem devida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Obras de Referência

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

JOHNSON, Allair. **Dicionário de Sociologia**. s/ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

Bibliografia

ABBAGNANO, Nicola. **A Sabedoria da Filosofia**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando Introdução a Filosofia**. 2ª ed. São Paulo: Moderna, 1992.

BOBBIO, Norberto, Thomas. **Hobbes**. Trad. Carlos Nelson Continho, Rio de Janeiro: Campus, 1991.

CHAUÍ, Marilena. **Convite a Filosofia**. 12ª ed. São Paulo: Ática, 1999.

DAVID, Ehrenfeld. **A Arrogância do Humanismo**. s/ed. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

DESCAMPS, Christian. **As Idéias Filosóficas Contemporâneas na França (1960 - 1985)**. s/ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

DESCARTES, René. **Discurso do método; As paixões da alma; Meditações; Objeções e Respostas**. 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Os Pensadores).
ÉTIENNE, Balivar. **A Filosofia de Max**. s/ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar, 1995.

GUENANCIA, Pierre. **Descartes**. s/ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

HOBBS, Thomas. **De Cive-Elementos Filosóficos a Respeito do Cidadão**. s/ed. Petrópolis: Vozes, 1993.

NOVAES, Adalto (ORG). **Os Sentidos da Paixão**. s/ed. São Paulo: CIA. Das Letras, 1987.

SHELLING, F.W.J. **Investigações Filosóficas sobre a Essência da Liberdade Humana - E os Assuntos com ela Relacionados**. 70ª ed. Lisboa, 1993.

SPINOZA, Benedictus. **Pensamentos Metafísicos; Tratado de Correção do Intelecto; Ética; Tratado Político; Correspondência**. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores)

TOBBES, Thomas. **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. 2ª ed. Col. Os pensadores. Trad. de João P. Monteiro e Maria B. da Silva, São Paulo: Abril Cultura, 1979.

Periódico

UNICIÊNCIA, Publicação Semestral da Universidade Estadual de Goiás. s/ed. Anápolis: Garcia LTDA, 2000.